



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL. PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL.



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

4 de Agosto de 2007 • Ano LXIV • N.º 1654
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Como Abraão: acolher e suplicar

ABRAÃO, esse «gigante» da Fé, tão longínquo no tempo quanto próximo de nós, sempre tão apetecível e fascinante; é um daqueles personagens bíblicos emblemáticos e emocionantes.

As primeiras leituras da Liturgia Dominical destes últimos domingos andam à volta dele de forma inconfundível.

A sua experiência religiosa percorre as páginas da Sagrada Escritura como um filão de ouro inesgotável.

Ela tornou-se paradigmática da fé do crente sincero e bom. Faz dele um verdadeiro pedagogo da fé, das possibilidades de retorno da homem ao caminho de Deus.

A obediência à fé e a sua intimidade e confiança familiar com Deus tornaram-no

um verdadeiro confidente e interlocutor entre Deus e os desencontros do homem, de todos os tempos.

É apreciável a sua mediação fundamentada na confiança e no trata familiar com Deus.

Paradigmático, o caso de Sodoma e de Gomorra, cidades tipificantes da monstruosidade da maldade que atravessa, de forma misteriosa, a história humana.

Sodoma e Gomorra são bem o retrato actualizado de tantas formas degradantes da existência humana, tanto à escala planetária como local.

Sodoma e Gomorra constituem um estremecimento ao Coração do próprio Deus que nunca desiste do homem.

Abraão bem sabia da existência do

mal, do pecado e das consequências aviltantes deste para o homem. Este conhecimento era o requisito que lhe permitia entrar na atitude de súplica, na intimidade de Deus e com que rara familiaridade!

Abraão não tenta iludir ou escamotear a realidade. O mal é sempre mal; está ali, tem nome, consequências e extensão bem conhecidas...

Paralela a esta consciência do mal e do ultraje que ele significa ao brilho da Glória de Deus no rosto do homem, a sua inigualável humildade diante de Deus: «Atrevo-me a falar ao meu Senhor eu que não passo de pó e cinza... Talvez para cinquenta justos faltem cinco...»

Continua na página 4

Momentos

OS meus momentos são passados em Malanje, Angola, onde vim assumir a responsabilidade da Casa do Gaiato, enquanto Padre Telmo descansa um pouco e restaura energias, em Portugal, na companhia dos seus familiares e amigos

O Planalto Malanjino, que eu sempre vi descrito como uma terra verde, surpreendeu-me com a sua cor amarelada e enferrujada.

A ausência de chuva e o pó, finíssimo, deste chão férreo, levantado, nas picadas, pelos veículos e pelos ventos, espalha-se, em nu-

vens densas, sobre as árvores e a vegetação, cinzenta, dando ao ambiente um aspecto triste e inesperado.

Contrastando com o exterior, a alegria dos Rapazes em manifestações joviais de acolhimento e consciência bria da sua responsabilidade na Casa, fazem-me rejuvenescer o entusiasmo e o gosto da paternidade.

Quatro dias para passar testemunho é um espaço de tempo demasiado curto para continuarmos o trabalho traçado por quem aqui vive.

Não só o movimento material envolvido que é extenso, variado e valioso,

mas sobretudo o conjunto humano dos Rapazes e das pessoas comprometidas com eles!

Começámos pelo mais importante: Uma reunião de chefes, longa, que se repetiu longamente e não chegou ao fim. A análise feita pelos Rapazes a várias situações, chegaram para entender que estava diante de homens, embora a sua idade não ultrapassasse os 19 anos.

A maturidade da visão, o perceber das dificuldades e o assumir dos problemas concretos da Comunidade e de alguns dos membros, espelhavam abundantemente a capacidade responsável dos seis chefes; o que me transmite, também, alguma tranquilidade.

Sabemos que o Fundador e Pai desta Casa não passará muito os dois meses da sua ausência, mas mesmo assim, trememos apesar da larga experiência nas Casas do Gaiato.

Pelo facto de sermos clérigos, ninguém compare a transmissão de uma Casa do Gaiato à de uma paróquia, ou duma Diocese, muito menos.

Esta é muito mais delicada. Trata-se de uma família com laços afectivos profundos e dependentes. É um erro com danos irresponsáveis nos Rapazes e na Comunidade exigir a retirada do responsável para entrar um novo. A experiência fala eloquentemente.

Continua na página 3

Setúbal

O caldo está feito...

UMA sociedade, como a nossa, que promove a libertinagem, não é uma sociedade livre. A liberdade concorre para o crescimento individual e colectivo, em sentido humano e material.

O aborto é um acto libertino. Quem o pratica ou contribui para ele, contribui para a destruição de um ser humano e da sociedade.

Um filho, para além da felicidade da própria família em que nasce, concorre também para o enriquecimento dela e da nação a que pertence. Um filho traz riqueza; em sentido inverso, a riqueza não gera filhos próprios.

Ajudar a família que vai crescendo em dinamismo amoroso, é humano e vai em direcção ao bem comum. Fomentar filhos com oferta de dinheiro, é negócio que não contribui para a estruturação da família ou da sociedade.

Também os nossos são tantas vezes usados como meio de negócio. Se, há alguns anos, algum familiar vinha buscá-los a nossas Casas para os usar como meio de rendimento pelo trabalho deles, agora surgem outras formas com o mesmo objectivo. Países ricos, que podem facilmente dar subsídios para quem cuide deles em sua casa, tornam-se sítios aliantes para que algum familiar os leve para lá e, assim, garantam o fim do mês, mesmo sem ser preciso trabalhar.

Como é tudo legal, também o é a ilusão de que, vivendo os Rapazes com algum familiar, mesmo que nunca o tenham visto, é melhor do que viver numa família como a nossa; ilusão que engana muita gente, pena que também quem tenha sérias responsabilidades sociais.

A ansiedade de satisfazer o instinto da «voz do sangue», que é naturalmente compreensível no Rapaz, deveria ser mais reflectida e sensata em quem ocupa lugares de autoridade social. Pressente-se uma vontade de fazer o bem. Mas, como diz o Povo, «de boas intenções está o inferno cheio».

Tanto se denegriram as Casas de Acolhimento de crianças sem família que mesmo o incauto cidadão comum embarca na onda e, sem ter conhecimento para tal, se senta na cadeira de juiz e dá as suas sentenças: «receitas de morte!», usando uma expressão de Pai Américo, agora completamente invertida no seu sentido.

À hipocrisia dos defensores da morte, juntam-se os hipócritas do «pelo dinheiro é que vamos», que serão os mesmos. Me desculpe, o tão querido por estas terras do Sado, Sebastião da Gama por alterar, assim, a sua linda expressão.

O caldo está feito. Estejamos atentos para não o comer.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

METADE DAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS SENTIU A POBREZA

— «Cerca de metade das famílias portuguesas passou por uma situação de pobreza durante um ano, entre 1995 e 2000, de acordo com um estudo nacional sobre a pobreza em Portugal, cujos resultados, a serem divulgados em Julho, foram adelantados pelo jornal Público.

A conclusão principal foi antecipada pelo coordenador do estudo, Alfredo Bruto da Costa, durante a conferência da Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP), da Igreja Católica, em Lisboa, subordinada ao tema «Esta é a verdadeira dimensão da pobreza em Portugal».

O inquérito, realizado pelo Centro de Estudos para a Intervenção Social (CESIS), investigou a situação de carência das famílias portuguesas nos seis anos compreendidos entre 1995 e 2000. Em vez de se limitar a medir a incidência da taxa de pobreza num dado momento — o número já conhecido dos dois milhões de pobres —, «o estudo procura ir mais fundo na percepção das causas da pobreza persistente em Portugal. Daí o ter recorrido a um período alargado de seis anos», explica o Público.

Ainda de acordo com o documento, das famílias que estiveram em situação de pobreza, 72% acharam-se nessa condição durante dois ou mais anos; no mesmo universo, 40% tinham os seus membros empregados — ou por conta própria ou por conta de outrem — enquanto outros 30% dessas famílias eram pensionistas.

Entretanto, durante a conferência da CNJP, o subdirector-geral da UNESCO, Pierre Sane, defendeu que a pobreza deve ser abolida e declarada ilegal, tal como aconteceu com a escravatura, o apartheid ou a violência doméstica.»

Do «Jornal de Santo Tirso»

PARTILHA — Valores recebidos em Julho, 185 euros! Que diria o nosso Pai Américo?

Os Pobres com muita gratidão.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ESCOLA — Os rapazes estão a entrar na fase derradeira na Escola. Estão a fazer os possíveis para terem bons resultados nos exames e conseguirem os seus objectivos: passar de ano. Quem tiver maior aproveitamento, de certeza, consegue. É preciso ter força de vontade.

PISCINA — Foi esvaziada, lavada e preparada para a época balnear. No dia 15, aquando do encontro dos antigos gaiatos, já foi utilizada. Os rapazes que não seguiram no primeiro grupo para a praia, em Azurara, Vila do Conde, têm, assim, onde se refrescar após um dia de actividades.

Zé Reis



15-07-2007, «coubemos no refeitório e o almoço decorreu em confraternização».

DESPORTO — Acabou a época desportiva de 2006/2007. E acabou tal e qual como estava prevista: com toda a gente bem disposta, em ambiente de franco convívio e sem quezílias uns com os outros. Bonito! Valeu a pena!

Recebemos os nossos antigos gaiatos para este último jogo. Nelito e «Balão» foram os organizadores por parte dos antigos. São impecáveis! Alguns juntaram-se a nós ainda de manhã, para almoçarmos juntos. Foi pena que não tivessem vindo todos. Mas, à tarde, para o derby, chegaram os restantes. Toda a gente estava bem disposta por este reencontro. Com golos de «Bolinhas» (2), «Bonga» (2), Gil (1), Abílio (1) e Rogério (1) contra dois dos antigos, fixou-se o resultado final.

No fim do jogo, claro, a tradicional sardinhada, fêveras, entrecosto, etc. Não faltou nada: nem para comer e beber, nem boa disposição. Foi recompensador ver toda a gente satisfeita e a galhofarem uns com os outros!

Com este jogo, o Grupo Desportivo realizou: 40 jogos; sofreu 67 golos e marcou 168. Obteve 30 vitórias, 6 derrotas e 4 empates. A lista dos sete melhores marcadores ficou assim ordenada: «Bolinhas» (33), Rogério e Agostinho (19) cada, Ilídio (17), Gil (13), Abílio (11) e «Bonga» (9).

Agora, se Deus quiser, vamos todos para férias. É bom que cada um faça o seu exame de consciência e ao reencontrar-se com os erros que fez durante a época, reconsidere e se consciencialize para os não voltar a fazer. Só é «bom», aquele que é humilde e trabalha em prol da equipa. Por mais inteligente que tu sejas (ou te julgues!), por mais destacada e importante que seja a tua função, não deves esquecer a importância da missão dos outros, por mais simples que te pareça... Neste último jogo, para não falar noutros, houve alguma falta de humildade por parte de alguns. Respeitar o «adversário» e a equipa de arbitragem é fundamental, para que tudo decorra dentro da normalidade e, sobretudo, para que também possamos ser tratados da mesma forma. Ninguém é respeitado, se não respeitar os outros! Quando alguém chama à atenção, é para se aceitar e não ripostar. O que cada um é fora do Grupo Desportivo, ali, fica anulado e são todos iguais. Eu também «engulo» muitas

vezes em seco e tenho o meu feitiço..., mas a vida é assim! «Nem tudo o que reluz é ouro» e não podemos fazer só aquilo que gostamos e o que queremos..., como por exemplo: ter sempre a bola nos pés, não aceitar com humildade que o árbitro assinale as nossas faltas, correr e fintar com a bola até entrar com ela pela baliza dentro, etc. É bom não esquecer que o «adversário» não joga de muletas, e também está ali, para defender as suas cores. É tão bonito praticar desporto com desportivismo!

Umhas boas férias para todos e até Setembro, se Deus nos der vida e saúde.

Alberto («Resende»)

Setúbal

PAVILHÃO — Alguns Rapazes do segundo grupo de férias, tomaram a iniciativa de organizar um mini-torneio de futsal no nosso pavilhão de jogos. Para espanto de todos, o nosso Padre Júlio também quis participar! Nas primeiras jornadas, houve muito espectáculo de jogo e golos. Agora, o torneio continua com mais novidades: quem diria o nosso Padre Júlio marcar um golo!? É uma alegria... Se continuarem assim, a realizar actividade na nossa Casa, então, haverá sempre diversão nos nossos momentos «desertos»! O que é preciso, é participar. Actualmente a liderar a tabela está a equipa B e a preencher o primeiro lugar de melhores marcadores, encontra-se o «Manobras». Para a quinzena, há mais.

FÉRIAS — Terminou o mês de Julho e, portanto, acabaram as férias do primeiro grupo, que esteve na casa da Arrábida. Estes darão lugar ao turno que esteve na quinta a fazer os traba-

lhos que têm de ser, para manter a nossa Casa em condições. Os Rapazes do segundo grupo estão estafados e, com certeza, necessitam também de férias para descansarem. Terão a acompanhá-los a senhora D. Conceição.

PAI AMÉRICO — Fez, no passado dia 16 de Julho, 51 anos que Pai Américo foi para o Céu. Na Aldeia e na Arrábida festejou-se este dia que nos é muito importante. Os Rapazes do primeiro grupo, que estavam na Arrábida, no decorrer do Terço, em cada Mistério, pediram uma graça a Pai Américo. A seguir, o jantar foi totalmente diferente dos outros dias... Tivemos sobre a mesa alimentos que nos fizeram lembrar o dia festivo.

EIRA — Está em obras. Era chamada o nosso rínque de futebol, porque os nossos Rapazes, a maior parte do tempo, jogavam lá a bola. Agora, com a construção do pavilhão, deixou de ser usada para jogarmos futebol e começará a ter outros fins. Servirá de apoio à piscina, que é mesmo ao lado, e de complemento ao parque infantil, que se situa nas imediações.

Daniilo Rodrigues



Rodrigo, filho do «Banana» que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, baptizado na nossa Capela em 14-07-2007.

Associação de Antigos Gaiatos do Norte

Cumpriu-se o programa estabelecido e o nosso Encontro Anual realizou-se em 15 de Julho, apesar do dia acordar chuvoso e pouco convidativo.

Durante a manhã, pouca gente. Mas com o avançar das horas e o aproximar da Eucaristia, foram chegando mais alguns que subiram ao salão de festas, onde decorria a Missa, presidida pelo nosso Padre João acompanhado do nosso Padre Carlos.

O Júlio Mendes foi o orador na cerimónia de deposição da coroa de flores no túmulo de Pai Américo.

Coubemos no refeitório e o almoço decorreu em confraternização, acompanhado pela actuação dos Rapazes da música e seu professor.

O tempo abriu durante a tarde. Após o café, no nosso bar, a malta manteve-se por perto em convívio fraterno. De realçar, este ano, a maioria dos presentes ser de gerações mais novas, sinal de continuidade da nossa Associação e, pelo que deles ouvi, até pensam organizar uma equipa de futebol de antigos gaiatos para que o «encontro» com os actuais se repita mais vezes no ano — ideia que, a correr bem, é de louvar, pois aproxima uma geração que parece despertar, agora, para a realidade da sua Associação.

O futebol e a piscina, ajudaram a passar parte da tarde, que terminou com a tradicional merenda, junto ao rínque, onde nada faltou. Sardinhas, fêveras e entrecosto assados e servidos na hora, regados com vinho da Casa e sumos, claro. Depois, as despedidas e o regresso a casa de cada um.

Queremos deixar três agradecimentos muito especiais: o primeiro, ao Padre João que colocou à nossa disposição tudo quanto necessário às duas refeições, sumos e vinho incluídos; o segundo, aos cozinheiros, João Evangelista e D. Fátima, responsáveis pela confecção do excelente almoço, servido pelos Rapazes actuais; o terceiro, à colaboração dos Rapazes mais velhos que o «Bonga» e o «Merendas» comandaram com mestria.

Foi gratificante ver que a todos a quem solicitámos ajuda, se prontificaram a dá-la e se esforçaram para que tudo decorresse em harmonia e aproximação familiar.

Obrigado a todos os presentes e, também, aos ausentes que compreendemos porque a meteorologia não ajudou. Até próxima oportunidade.

Júlio Fernandes

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Nós também estivemos a celebrar o aniversário da morte de Pai Américo. Este ano, foi a 15 de Julho, por ser o Domingo mais próximo.

Chegámos com chuva, que nos preocupou, mas à tarde o sol brilhou, por entre nuvens escuras, que muito nos alegrou.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Julho,
52.500 exemplares

Moçambique

Remate que faltava

O senhor Ministro da Finanças isentou de todos os impostos aduaneiros, o contentor prestes a chegar, de Paço de Sousa, com as muitas coisas que lá juntaram para nós. Entretanto, chega a notícia de outro enviado de Espanha, onde avulta a oferta de todo o material de restaurante, de familiares da Branca e da Maqui que trabalham connosco. Esta é responsável dos Projectos de desenvolvimento económico. Deixou o seu Curso de História e a direcção do Museu de Arte Moderna em Valhadolid e veio, com todo o seu coração e capacidade, dedicar-se à consolidação do desenvolvimento integrado das populações que servimos.

Não é um sonho, mas um remate que faltava ao nosso trabalho. Temos a saúde preventiva e curativa com a dedicação da Maria José. A construção de casas e latrinas. A alimentação nas Creches. O alimento distribuído gradualmente

a idosos e doentes. Temos a alfabetização e as Escolas que garantem continuidade nos estudos a jovens e adultos.

Mas temos as lojas, e as pequenas empresas diversificadas, pelas Aldeias. Tudo isto garante já trabalho a mais de quatrocentas pessoas, fora da nossa Casa do Gaiato. É fundamental formar e rentabilizar para que sejam auto-sustentadas e não dependam, a médio prazo, das ajudas que a Cooperação Espanhola vai canalizando. É até por isso que está aqui uma outra jovem espanhola, a Leuri. Formou inquiridores em cada Aldeia, após o que saiu com eles para o terreno, a fazer o levantamento, em dez por cento das famílias, do estado de habitação, saúde e socio-económico. Houve que pedir autorização oficial para esse trabalho, já concluído. Agora, com a ajuda dos nossos mais velhos, após um trabalho de programação, está a lançar todos os dados em

computador, para análise e ver as maiores carências e linhas de actuação futuras.

Ora o que salta à vista, sem estudo nenhum é a desestabilização económica, por secas prolongadas e falta de emprego. O que vai chegar de Espanha é mais uma oportunidade de emprego. Temos a pastelaria, de início pensada só para comida à base de mandioca e soja, que não corresponde à demanda e acabou por ser, sem condições, um restaurante. Há que redimensionar e instalar condignamente. Será uma Escola, após a conclusão da décima classe, para muitos.

O banditismo já atingiu a Masaca. Assaltos à luz do dia a quem com muito esforço conseguiu um mínimo de comodidade em sua casa. Deus confunde-nos com o que os Amigos entregam em nossas mãos, mas só com Ele poderá render a um para cem.

Padre José Maria

Momentos

Continuação da página 1

Padre Telmo voltará ao seu lugar de Pai, muito brevemente, e esta certeza conforta os Rapazes e alivia-me também.

Neste primeiro Domingo, o XVI, celebrámos, com os Rapazes, na véspera, à noite e, no dia, pelas 09h00, com o Povo das aldeias vizinhas.

A participação tanto de uma assembleia como da outra, era notória e comunicativa, mas eu fixei-me mais na do Povo.

Ao ofertório passaram diante das pessoas dois cestos e uma bandeja. Padre Telmo fez-me sinal para aguardar e eu fixei os olhos nas pessoas, nos cestos e na bandeja.

Reparei como os Pobres davam: Os que não tinham nada olhavam-me tristemente pondo no cesto a sua incapacidade, desgosto e pobreza. Foram muitos os que

assim procederam. Outros, puseram notas de baixo valor. Notas de duas cores e valores diferentes. Não ofereceram moedas.

Trouxeram-nas, ao Altar, ao som de cânticos e danças, como quem dá a Deus o melhor que tem e com toda a alegria.

Lembrei aqueles 360 euros que

alguns amigos me deram para os meus Pobres que, agora, são os que me rodeiam e com quem reparto. Lembrei-os no Altar do Senhor!

O tema da homilia era o Mistério de Deus descoberto por Abraão, por Maria e pelo Apóstolo. Mistério revelado pela Palavra e pela Presença.

Como senti e vi Deus no mistério destes Pobres!...

Padre Acílio

Inquietação sacerdotal

Não posso passar sem a leitura, atenta e meditada, d'O GAIATO, que me chama a atenção para as realidades da vida. Sei que vos dá muito trabalho a organização e composição do mesmo!... Mas vale a pena, pois a avaliar pelos leitores com quem falo assiduamente, toda a gente aprecia a dedicação com que trabalhai pelo bem comum.

É preciso ter muita persistência para se vencer, seja no que for!... Vós não fugis à regra!... Aqui fica o estímulo de muita gente do Alentejo, a vosso favor!...

O GAIATO, para todos nós, é luz e vida. O nosso apluso!...

Continuai, pois a causa é nobre.

Assinante 5708

A Missa foi transferida para o salão de festas, para podermos caber todos. O almoço, foi servido no refeitório.

Não podemos deixar passar a Eucaristia, que foi muito vivida e sentida por todos. Foi celebrada pelos nossos Padres Carlos e João que presidiu e fez uma homilia simples, mas muito significativa, que a todos tocou.

À tarde, junto à piscina, sentimos bem viva a presença do nosso querido Pai Américo, apelar aos corações de boa vontade que não tenham medo.

Junto da fogueira, onde se assavam as sardinhas, o nosso Padre João escutava as nossas recordações; o Padre Carlos ficou na sala dos cicerones a receber os que lá chegavam.

Não queríamos terminar sem o nosso obrigado aos responsáveis da Associação — e a todos que ajudaram.

Nem sempre as notícias são tristes sobre aqueles que o Senhor põe no

nosso caminho. Se não fosse a vossa ajuda, nós não nos poderíamos alegrar com a mãe de 7 filhos.

Disse-nos ela:

— *Estou muito feliz, todos os meus filhos passaram de ano na Escola. Louvado seja o Senhor.*

Ficámos surpreendidos com o louvor, dela, a Deus. Coisa rara na sua boca, e continuou:

— *Não sei como vai ser com aquele que passou para o 11.º ano, os livros são tão caros, nunca perdeu um ano.*

Ficou a olhar para nós...

— Olhe que só agora é que acabou o ano — respondemos.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Recebemos de Carminda Gonçalves Coelho, 20 euros, «para ajudar os mais necessitados».

Assinante 75292, presente com meses de Maio e Junho, «para os mais Pobres».

Assinante 32517, recebemos o seu

donativo, para ajuda na carta de condução. De Esmoriz, Rua Florbela Espanca, 20 euros, «para o que vos fizer falta». Assinante 9217, «mando o meu pequeno donativo para que não desaniméis na vossa missão».

De Sintra, Rua Arnaldo Coelho, Parque das Conchas: «Sou leitora há cerca de 70 anos, já tenho 81, mas ainda não tinha calhado contribuir para a vossa Conferência. Vai o meu donativo: metade para comprar as fraldas para a avozinha de 87 anos, e a outra para pagar a escola do moço deficiente. Não esquecer de tirar um niquinho para comprar rebuçados ou chocolates».

Bem-haja a todos pela ajuda que nos dão, as vossas palavras são um estímulo que não nos deixa esmorecer.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Adelaide e José Alves

DOCTRINA



A Casa do Gaiato do Porto nasceu no Mercado do Anjo!...

«NÃO é costume meu dirigir-me desta maneira a alguém. Mas há muito acompanho a sua Obra e o entusiasmo e reconhecimento que por ela sinto é tão grande — porque (como todos) também me atinge e beneficia — que não encontro palavras para lhos traduzir. O que V. prega vai de encontro aos desejos dos corações bem formados, toca bem fundo nas almas boas — acordando a sensibilidade — e faz meditar com certeza aqueles que, fechados no seu egoísmo, não se lembram dos que sofrem e do imperioso dever de consciência que representa ajudá-los com todas as suas forças. E então no que respeita à educação da mocidade, às crianças — entes frágeis e inocentes, intactos nas sua pureza, que a maldade do mundo e a podridão dos homens ainda não lograram macular, criaturinhas de Deus ávidas por viver e irradiantes de alegria — é obrigação sagrada dispensar-lhes todo o nosso auxílio generoso, como V. clama. Não as podemos abandonar, isolados no nosso desinteresse e comodismo; deixá-las atrofiar e morrer; dar-lhes do mundo uma impressão sombria de ódios, misérias, crueldades, criar-lhes um espírito de revolta e rancor, tão nocivo e arrepiante nos Homens que amanhã constituirão a Nação. É um dever socorrê-las; dividir com elas o pouco ou o muito que possuímos, unidos de alma e coração com o Padre Américo; tentando levantar por todo o Portugal, de Norte a Sul, um movimento de simpatia esmagador, de puro Cristianismo e de um enavaliável alcance social. É inadmissível que hoje — decorridos tantos anos sobre a sublime Doutrina de Jesus, que os homens não compreenderam ou não quiseram compreender, tão apegados estão aos bens terrenos e ao materialismo repelente, cómodo e lucrativo — ainda morram crianças de fome! Não se concebe, realmente, que em pleno século XX, definhem pela doença nos tugúrios chamados “ilhas” ou à noite pelos portais, perante a indiferença social, aqueles que amanhã ajudariam a construir uma Pátria forte e prometedora, optimistas e entusiastas, de almas e corpos são! Não é possível alhear-nos das responsabilidades que nos cabem pelo que se passa e esquivarmo-nos delas à custa de subterfúgios conseguidos graças a raciocínios engenhosos! A consciência é só uma; a consciência elástica, que oscila ao sabor dos ventos e das consciências de cada um, é absurda e torpe. Não é própria de inteligências esclarecidas, nem é cristão admitir como “obrigatória” a existência da pobreza! É inconcebível realmente que desde milénios, num constante crescer de conhecimentos, a Humanidade não conseguisse condições de vida aceitáveis para os seus membros! Mas temos de contribuir para que estas condições mínimas aceitáveis sejam um facto, lutando por todas as formas contra o egoísmo colectivo, inimigo número um da civilização.

Colaboramos, é verdade, num crime! E não o percebemos bem ao ler O GAIATO? Às vezes não nos sentimos mal, com o espírito inquieto, sem razão nenhuma? Não será este mal-estar resultado dos espectáculos tristes que vemos diariamente aí por essas ruas e que sem darmos fé vão passando ao subconsciente, arrumando-se como os livros nas prateleiras de uma estante, e que reaparecendo mais tarde, quando menos se espera, nos infelicitam?»

D. Américo!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

No Mundo da ESCOLA

O ano lectivo 2006/2007 terminou. Em termos estatísticos até não foi mau, pelo menos nas Casas do Gaiato do Centro e do Norte a que estive mais ligado. Se calhar, até foi bom demais...!

Na verdade, a filosofia reinante na Educação é de facilismo. Sobretudo nos níveis da escolaridade obrigatória. Se a estratégia alastra para o Secundário quando, em breve (ao que ouço dizer), a obrigatoriedade for o 12.º ano, não sei que será da qualidade da formação académica adquirida. No sentido ascendente a meta é para atingir, custe o que custar, por muita engenharia administrativa que seja necessário mobilizar para fazer passar os alunos. No sentido descendente, soprado de Bolonha, também a tendência é de nivelar por baixo. São ares que se respiram de inverdade, de desumanidade — sim, porque tudo quanto fira a Verdade, fere o Homem.

A Educação visa o Homem: Dar-lhe forma, uma forma fundada e sempre proporcionada às suas capacidades, a qual, no desenvolvimento do seu exercício, o vai enriquecendo em saberes e o ajuda a descobrir potências que ampliam a sua consciência do mundo e o habilitam a dominá-lo. Dominá-lo, no sentido bíblico de uma séria gestão da Natureza que Deus criou e pôs nas mãos dos homens chamados a ser Seus colaboradores na criação continuada!

Passar alguém anos e anos nos bancos da Escola para adquirir direito a um diploma é o caminho mais comum, porém não é o único, nem talvez o essencial, porquanto não é o diploma que faz o homem, mas este que lhe dá autenticidade.

Pode construir-se uma sociedade verdadeiramente preparada para subsistir, mais ainda, para progredir, só porque quase todos os seus cidadãos atingiram determinado nível académico — quando tantos deles, por defeito próprio de intelecto ou de vontade, não alcançaram os conteúdos considerados indispensáveis a esse nível? E, sobretudo, não foram ensinados e exercitados para pensar?

É «de pequenino que se torce o pepino» ensina a Sabedoria popular. Mas «torcer o pepino ao pequenino» é, agora, tido por uma *violência* proibida. Pois se têm surgido cérebros geniais que põem ao alcance das multidões meios técnicos admiráveis para obtenção de determinados objectivos, para que há-de uma criança ser *esforçada* e aprender a tabuada, se a maquinação à mão lhe resolve as operações? Haja cérebros geniais e parasitem as multidões em volta deles! — eis a *Cultura da Dependência* que nos afoga.

Ora educar para a autonomia é que é educar. E tal deve ser desde pequenino. Quando eu era adolescente e contemplava, ainda de perto mas com sentido crítico, o enciclopedismo exigente que era a Instrução Primária de então, pensava que o ensino de tal nível escolar devia fixar-se em pouco: ler, escrever e contar... e pensar... e estimular apaixonadamente o apetite de saber. A satisfação deste apetite seria já e sempre, cada vez mais, um trabalho pessoal, apoiado, é claro, em estruturas pedagógicas que não só a Escola. No meu caso, o companheirismo de meu avô paterno, oficial da Marinha e homem de profundas e variadas vivências, que muito me fez crescer. O que ele não sofreria hoje de tanta impostura que nos cerca!

E agora sou eu, avô e bisavô, que muitas vezes digo aos meus Rapazes:

— Vocês vão herdar um mundo malsão e hão-de dizer mal, e com razão, das gerações de responsáveis que vos precederam. Cultivem-se vós mesmos, enriqueçam-se da Sabedoria que brota dos valores perenes. O Homem é o valor supremo que não passa. Este mar de banalidade que nos submerge, converteí-o, vós em mar fecundo.

Não foi em vão que Pai Américo sintetizou em tão poucas palavras todo o seu projecto para vós: «Fazer de cada rapaz, um Homem».

Padre Carlos

Benguela

É um donativo

ALGUÉM bateu à porta com muita delicadeza. Trazia um lenço na cabeça e vinha descalça. Era o rosto jovem duma mulher. Perguntei quem era. Sou professora e estudante, respondeu. Trazia um envelope nas suas mãos e pô-lo nas minhas, com estas palavras: «É um donativo para a Casa do Gaiato». Abri a carta e fiquei comovido com o que guardava. Tinha o sabor do sagrado. Pelo valor da oferta julgo que era o salário todo dum mês. Não estou habituado, aqui, a gestos desta

categoria, de gente desta categoria. Daí, o meu espanto que leva os joelhos ao chão, diante do Senhor, em atitude de agradecimento. A revolução do Amor chegou ao coração daquela mulher jovem.

Estou a escrever-vos na semana da Festa da Obra da Rua, ligada ao dia 16 de Julho, aniversário do nascimento para o Céu de Pai Américo. A festa dos Santos é celebrada sempre, com raras excepções, no dia da sua partida para a Eternidade feliz. Assim acontece com a Obra da Rua. Por

isso, ontem, Domingo, a nossa Casa do Gaiato de Benguela esteve em Festa, com o encontro dos seus filhos que já estão fora, em grande quantidade, com os que estão dentro. Vi um ou outro dos mais velhos, acompanhados dos seus filhos e netos. Fizeram-me olhar para os meus cabelos brancos e dizer que não estranhasse. A razão de ser da nossa vida queimada pelo fogo do amor estava diante dos meus olhos.

Pai Américo quis, com muitas vezes se tem dito, que a Casa do Gaiato tivesse como padrão a família, com relações afectivas muito fortes na linha vertical, a nível de pai e mãe, e na linha horizontal, a nível de irmãos. A resposta, de fundo, aos problemas da criança da rua, abandonada, está no ambiente familiar que as acolhe. Deste modo, as rupturas da

Como Abraão: acolher e suplicar

Continuação da página 1

Da mesma natureza a sua súplica persistente: «Se o meu Senhor não levar a mal falarei mais uma vez: Talvez haja trinta justos...»

O nosso mundo tem tanta necessidade desta espécie qualificada de interlocutores! Homens e mulheres experimentados na entranhada misericórdia divina em favor do homem e a sempre possível capacidade de retorno deste aos braços de Deus.

Mediadores qualificados, humildes e corajosos diante de tudo o que desfigure a imagem divina no rosto do homem — o lugar da manifestação da Sua Glória.

Verdadeiros mensageiros da Boa Nova em contraposição aos «profetas da desgraça»

que anunciam catástrofes..., possuídos de saudosismo doentio.

Não nos compete, bem sabemos, vaticinar os destinos do mundo que Deus tem na mão; que só Ele conhece, mas antes, tornar disponível o nosso coração para o que Ele quer, aqui e agora.

Faz-nos bem rever, de vez em quando, no horizonte da nossa história os rostos abraâmicos dum Martin Luther King, Gandhi; de uma Teresa de Calcutá, de João Paulo II ou de um Padre Américo.

Eles são estrelas polares nas nossas titubeantes pesquisas acerca do divino e do humano. São um suplemento de alma, tão necessário e estimulante, para que o nosso mundo seja menos egoísta e sedento de vingança.

Padre João

Malanje

Na Carianga

o sol está vencendo o cacimbo

O Padre Rafael, de nacionalidade espanhola e que trabalhava na pastoral dos ciganos, entregou-se à Obra da Rua. O seu Bispo deu licença. Virá no Setembro para nos ajudar, aqui, em Malanje. Uma notícia boa que vai alegrar o coração dos nossos Amigos. Para nós, uma consolação e fonte de esperança.

Se a Obra é do Senhor, Ele providenciará... Tem os seus caminhos que, para além de Saragoça, terra do Padre Rafael, chegam aos confins do mundo! Não se perturbe o nosso coração. Ele nas montanhas agrestes veste os lírios silvestres e não nos dará pedras se, com fé, lhe pedirmos pão.

Escrevo-te da Carianga. O sol está vencendo o cacimbo fechado desta manhã. Dei, agora, uma volta pelas pocilgas. Pariram três porcas. O Melom, que está aqui de castigo por roubar uma sanita na escola, está pondo capim seco que dará calor aos filhotes.

Além do Melom, trabalham, cá, o Russo, o Pata-Pata, o Madureira e o Miguel — todos sem família.

— Mande-os embora.

— Não mando.

De pronto cairiam na marginalidade. Vamos tentar a sua recuperação... Talvez que os leitõezinhos, sugando o leite das mães porcas, lhes apontem novos caminhos... Assim seja.

Os nossos mais pequeninos

TEM sido um regalo ver os nossos mais pequenos acarinhados pelo casal José e Ana e Irmã Maria, que vieram de Barcelona para nos servir durante um ano. Maravilha! Os maiores também se achegam — bem viva no rosto a nostalgia pela falta que tiveram.

Tio José, como os rapazes o tratam, não tem um momento de descanso... Ele são as portas, os fechos, as avarias na água, na luz e a organização do armazém de materiais. As senhoras orientam a rouparia e despensas.

Feliz quando, pelas tardes, vejo de volta da mesa da salinha o grupo dos mais atrasados na escola.

— Já leio — diz-me o Zé-Pica, cheio de alegria.

Assusta-me já a vida atrapalhada e confusa quando eles partem... Talvez outro milagre! Esperemos que sim.

Noites escuras, serpentes de fogo

AS montanhas e os vales ardem. Nas noites escuras são serpentes de fogo. No ar uma nuvem de insectos. Os pássaros aproveitam o banquete. Depois, ficarão alguns espetos de fumo apontando o vazio.

O que seria de Angola se em vez de fogo fosse arroz, milho, carne e frutos? Seremos o quarto mundo enquanto não aproveitarmos nossos terrenos férteis!

Padre Telmo

sua história, geradas pelo abandono por causa da ausência de afecto, serão curadas segura e lentamente. Encontro-me, todos os dias, com estes filhos da rua, nas minhas voltas pela cidade. A Casa do Gaiato não é o seu lugar adequado, porque ainda têm a sua casa. Contudo, a rua é a sua morada diária. Regressam, à noite, à sua cubata, onde lhes falta tudo para alimentar a sua estabilidade pessoal. Na manhã seguinte, voltam à rua. Quem dera fossem criados centros transitórios de acolhimento com serviço interligado à família natural.

A instabilidade social que se faz notar com muita preocupação, neste momento, tende a aumentar se não se der a mão, a tempo e horas, a estes filhos que crescem fora do ambiente familiar. Entram na marginalização. Iniciam-se na delinquência com os chamados pequenos crimes. É uma questão de idade, até chegarem à Penitenciária. Esta é a sua trajectória normal.

No calor da Festa, em nossa Casa do Gaiato, um casal jovem

não se conteve e falou: «É tão bonito ver os rapazes voltarem à Casa que os criou! Trazem a mulher, os filhos, as noras e os netos. A Casa do Gaiato só se entende bem com estas experiências». Ouvi e concordei. Ao mesmo tempo, ia dizendo comigo mesmo: «É preciso fazer sempre mais e melhor até ao fim da vida». Este mais e este melhor será o fruto inseparável de novas vocações masculinas e femininas. Quem dera o Espírito do Senhor não se cansse de bater à porta dos corações até que se abram e oiçam o Seu apelo. Esta foi uma das súplicas mais ardentes da nossa Festa. Não posso esquecer a lembrança das roupas que nos chegaram de Luanda, do senhor Vítor Monteiro, velho amigo com sua esposa e as duas máquinas para a nossa carpintaria. Foram distribuídas pelas mães e seus filhos. Já no final do dia, descobrimos um envelope fechado, em lugar discreto, com um donativo semelhante ao que abriu esta Nota. Foi uma visita de Pai Américo!

Padre Manuel António